

Por uma linguística da solidariedade

Towards a linguistics of solidarity

Roberto Leiser Baronas¹

RESUMO

Este artigo está dividido em três momentos. Esses momentos estão organizados entorno da mistura (ZILBERBERG, 2011) de atividades de ensino, extensão e pesquisa. No primeiro, apresentamos o Projeto de Extensão intitulado Enciclopédia Discursiva da Covid19, desenvolvido na Universidade Federal de São Carlos, - UFSCar – numa parceria entre o Departamento de Letras e o INFORMASUS da UFSCar, durante a fase mais aguda da Pandemia (2020, 2021 e parte de 2022), disponível em: <https://informasus.ufscar.br/enciclopedia-discursiva-da-covid-19/>. Na sequência, com bem menos vagar, descrevemos outro Projeto de Extensão a *Escola Solidária de Altos Estudos do Discurso – I ESAED*, desenvolvido, no Departamento de Letras da UFSCar, disponível no Canal do Leedim, no YouTube - <https://www.youtube.com/c/leedimufscar>. Por último, trazemos para o centro do debate a necessidade de instauração de práticas acadêmicas solidárias, tais como as descritas nos dois projetos de extensão mencionados, como forma de resistir humanizando as instituições universitárias no pós-pandemia.

Palavras-chave: Pandemia. Linguística da solidariedade. Resignificação.

ABSTRACT

This article is divided into three moments. These moments are organized around the mixture (ZILBERBERG, 2011) of teaching, extension and research activities. In the first, we present the Extension Project entitled Enciclopedia Discursiva da Covid19, developed at the Federal University of São Carlos, - UFSCar - in a partnership between the Department of Letters and INFORMASUS of UFSCar, during the most acute phase of the Pandemic (2020, 2021 and part of 2022), available at <https://informasus.ufscar.br/enciclopedia-discursiva-da-covid-19/>. Next, with much less vagueness, we describe another Extension Project, the I Solidarity School of High Discourse Studies - I ESAED, developed at the UFSCar Department of Letters, available on the Leedim Channel on YouTube - <https://www.youtube.com/c/leedimufscar>. Finally, we bring to the center of the debate the need to establish solidarity academic practices, such as those described in the two extension projects mentioned, as a way of resisting humanizing university institutions in the post-pandemic.

Keywords: Pandemic. Linguistics of solidarity. Re-signification.

¹ Doutor em Linguística e Língua Portuguesa pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho - Campus de Araraquara. Docente da Universidade Federal de São Carlos (UFSCAR). Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq - Nível 1C. São Carlos/SP, Brasil. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0758-0370>. E-mail: baronas@ufscar.br.

1 INTRODUÇÃO

Muito pretensiosamente começo este ensaio² um pouco ao estilo Michel Foucault, na sua Conferência, proferida na Sociedade Francesa de Filosofia, em 22 de fevereiro de 1969. No início dessa conferência, nos diz o filósofo:

O que vos trago é um projeto que gostaria de submeter à vossa opinião, um ensaio de que ainda mal entrevejo as grandes linhas [uma linguística solidária...]; mas pareceu-me que ao esforçar-me por traçá-las diante de vós, ao pedir-vos para as julgarem e retificarem, estaria, tal como um neurótico, à procura de um duplo benefício: primeiro, o de subtrair os resultados de um trabalho que ainda não existe ao rigor das vossas objeções e, por outro lado, o de fazer usufruir, logo à nascença, não somente do vosso «apadrinhamento», mas também das vossas [preciosas] sugestões (FOUCAULT, 1969, p. 21).

A mobilização da fala do filósofo francês Michel Foucault neste texto não se dá por um uso retórico, cujo *ethos* discursivo pretendido seria o de erudição, mas sim, para numa espécie de representação metonímica, dizer que se trata de um texto que foge aos padrões da cena genérica artigo científico. Nesse sentido, não são apresentadas conclusões, previamente alicerçadas em construtos teóricos. Entendo que se trata mais de um ensaio propriamente dito. No duplo sentido desse termo: realizar um ensaio, uma apresentação prévia para ajuste das falas e propor um experimento. Assim, privilegiamos aqui o relato de duas experiências muito exitosas, que ajudaram muita gente a (sobre)viver academicamente, durante um dos períodos mais macabros da nossa história, que foi a Pandemia de Covid19.

A Pandemia, sobretudo na sua fase mais aguda que se deu nos anos de 2020, 2021 e parte de 2022 levou a óbito mais 16 milhões de pessoas em todo o mundo. Só no Brasil, por pura incompetência dos mandatários do país à época, que, entre outras ações, deixaram de adquirir as vacinas ainda no final de 2020 e ficaram insistindo na indicação de medicamentos como a Cloroquina, cuja comprovação científica para a eficácia no tratamento da Covid19 não existe, foram mais de 700,000 mortes. Segundo os especialistas de diversas áreas do conhecimento, no caso brasileiro, esses números foram subnotificados. Para esses profissionais, mais de um milhão de brasileiros teriam morrido de Covid19 e outros milhares ainda ficaram com a sua saúde física e mental bem debilitada. Algumas pessoas com sequelas que se arrastam até os dias atuais.

Ao lado dessas mortes e sequelas, a Pandemia se transformou num solo fértil que possibilitou a germinação de uma verdadeira guerra discursiva, tornando muito atual a asserção foucaultiana, engendrada no início dos anos setenta do século passado, na sua Aula Inaugural, no *Collège de France*, de que “o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo por que, pelo que se luta, o poder do qual nós queremos apoderar”. Com efeito, a Pandemia se transformou numa renhida luta pelo poder. No entanto, como sabiamente nos diz também Michel Foucault o poder traz apenso consigo a resistência. Poder e resistência estão ligados por uma espécie de cordão umbilical que conecta a placenta e o bebê. Eles só existem numa relação umbilical.

Foi com base nessa *umbilicalidade* foucaultiana: poder e resistência, que pode ser lida como um Programa de Investigação Científica – PIC - (LAKATOS, 1970) para o campo

² Uma versão bastante modificada deste texto foi apresentada na mesa de abertura “Contribuições e desafios da Ciência Linguística em tempos de pandemia: ciência aberta e senso comum” do XIII Seminário de Estudos Linguísticos da UNESP (SELIN), em setembro de 2021.

do discurso, que um grupo de professores e alunos gravitando entorno da UFSCar e que não quiseram ficar sentados, como diria o saudoso Raul Seixas (1973), “no trono de um apartamento. Com a boca escancarada, cheia de dentes. Esperando a morte [pela Covid19] chegar”, propuseram os dois projetos de extensão, que passamos a descrever na sequência.

2 O PROJETO DE EXTENSÃO A ENCICLOPÉDIA DISCURSIVA DA COVID19

Na busca imaginária por uma nomeação colada ao real, ou por essa necessidade universal de um mundo “semanticamente normal” (PÊCHEUX, 1997, p. 34), que tente conter de alguma maneira o transbordamento, o excesso dos sentidos, isto é, a sua *metaforização indiscriminada*, surgem, por exemplo, propostas de elaboração de “máquinas-de-saber”³ investigadas pelos mais distintos atores sociais e institucionais, isto é, glossários, dicionários e vocabulários sobre a COVID-19 e a pandemia. Esses elucidários, comparáveis a diques semânticos, têm na nossa sociedade, entre outros, um funcionamento discursivo que tenta conter a profusão, o derramamento dos sentidos.

Para além de uma investigação pela nomeação mais fidedigna da realidade, uma boa hipótese para explicar essa abundância de trabalhos, nos parece que tem a ver com uma busca, mesmo que imaginária, da sociedade para dominar esse vírus tão desconhecido quanto letal que é o SARS-Cov2. Trata-se de uma tentativa de encontrar alguma resposta no âmbito da linguagem, para os diversos sentimentos provocados pelo novo coronavírus, como medo, ansiedade, desesperança etc.

Em artigo intitulado “Resposta ao medo”, decorrente da *Live* apresentada em maio de 2020⁴ no âmbito do projeto de extensão “Discurso em Tempos de Pandemia – Fase I”, e depois publicado na revista *Linguasagem*⁵, o discursivista francês Dominique Maingueneau nos chama a atenção para o importante papel dos números na gestão da pandemia. Segundo ele,

Os números e o que os tornam possíveis (tabelas, mapas, gráficos, curvas...) são a evidência de um remédio contra a angústia: eles transformam o irrepresentável em representável, eles se fecham nas grades. Se o vírus pode ser visto pelo microscópio eletrônico, a pandemia enquanto pandemia só existe na verdade enquanto números. Mesmo os profissionais da saúde não têm acesso à pandemia: eles enxergam somente certo número de doentes. Apenas os números e os esquemas permitem inverter a relação de forças. Quando olhamos o mapa do mundo com seus círculos vermelhos, a pandemia não é mais somente essa potência assustadora e invisível, que circula em torno de mim, que me rodeia e me domina, é também alguma coisa que domino. Mobilizo aqui um célebre pensamento de Blaise Pascal: “Por meio do espaço, o universo me compreende e me engole como um ponto: pelo pensamento eu o compreendo”. Poderia transpor esse pensamento na seguinte paráfrase: “A pandemia me compreende e me engole como um ponto: por meio dos números, eu a compreendo”.

Elaborar glossários, dicionários, vocabulários e outros instrumentos linguísticos sobre a COVID-19, tal como realizar representações em números da pandemia, são tentativas de dominar “essa potência assustadora e invisível, que circula em torno de mim, que me rodeia e me domina” (MAINGUENEAU, 2020, p. 11). Trata-se de uma busca que visa a inverter a relação de forças por meio da construção de um saber metalinguístico, que

³ Sobre a questão das “máquinas-de-saber”, conferir os trabalhos acerca das “artes de memória”, especialmente Yates (1996).

⁴ Essa *live* foi apresentada em 27 mai. 2020 e está disponível no Facebook do LEEDiM-UFSCar (<https://www.facebook.com/leedim.ufscar/>) e também no canal do mesmo laboratório no YouTube (<https://www.youtube.com/channel/UChUWKJRSDk0TSdHrb5JtCMA>).

⁵ Disponível em: <http://www.linguasagem.ufscar.br/index.php/linguasagem/article/view/763/446>.

objetiva dar nome ao desconhecido e nesse processo de nomeação, compreensão tentar dominá-lo. Com efeito, roubando a paráfrase do pensamento de Pascal, elaborada por Maingueneau, diremos: “A pandemia me compreende e me engole como um ponto: por meio dos números (e dos glossários, dos vocabulários etc.), eu a compreendo”.

Além disso, todos esses instrumentos linguísticos funcionam também como uma tentativa de devolver à população a confiança na Ciência. Ainda sobre a questão da confiança na Ciência, em Live intitulada “Olhares midiáticos sobre uma pandemia: ‘instantes discursivos’ de uma crise sanitária sob o prisma dos números, do risco e da confiança”, realizada no dia 23 de setembro de 2020⁶, apresentada no projeto de extensão “Discurso em Tempos de Pandemia – Fase II”, a pesquisadora francesa Sophie Moirand, analisando o contexto de seu país, nos diz o seguinte:

Mais au-delà des politiques, les Français n'ont pas non plus confiance dans la science. S'ils ont confiance dans les hôpitaux, « la science dans son ensemble suscite de fortes réticences [...] : seuls 41% des enquêtés disent qu'elle apporte plus de bien que de mal, 46% autant de bien que de mal et 12% qu'elle est porteuse de plus de mal que de bien », comme le montre l'enquête du Baromètre de la confiance politique (CEVIPOF) reproduit dans le n° 420-421, de la revue *VRS La vie de la recherche scientifique* [...]. Si l'on n'a confiance ni dans la science ni dans l'État et dans ses représentants démocratiquement élus, comment s'étonner, en période de crise sanitaire et d'un virus qu'on ne maîtrise pas, que les infox qui circulent deviennent « virales » ? Comment s'étonner des réticences à accepter les mesures prises qui, au nom du confinement, semblent constituer pour l'instant le seul moyen actuel de lutter contre la pandémie ? Comment accepter les entraves à la liberté de circulation, à la vie sociale et les conséquences désastreuses du confinement sur l'économie et sur la vie des plus démunis? (MOIRAND, 2020, p. 14).

Todas as questões colocadas pela pesquisadora francesa, embora relativas à geografia de seu país de origem, ecoam também no Brasil, mesmo que não exatamente da mesma maneira, dado que, salvo melhor juízo, o presidente francês não é um negacionista dos saberes científicos. No entanto, a questão da desconfiança da população em relação à Ciência, no caso brasileiro, foi regularmente alimentada pelas declarações negacionistas de Jair Bolsonaro e de integrantes do seu governo. Nesse sentido, nos parece pertinente sustentar a hipótese de que a construção de instrumentos linguísticos como glossários, dicionários, vocabulários etc. é também uma maneira de as instituições acadêmicas tentarem reestabelecer a confiança das pessoas na Ciência. Essa hipótese se torna mais consistente se levarmos em consideração que, à época da elaboração desses instrumentos linguísticos, nos primeiros seis meses da pandemia, soluções como a produção de um tratamento ou a descoberta de uma vacina, que necessitam de prazos de tempo mais dilatados, eram impossíveis.

Entre os muitos instrumentos linguísticos produzidos, chamamos a atenção para o *Glossário da COVID-19*⁷, produzido pelos Blogs de Ciência da UNICAMP⁸, que parece corroborar o que estamos afirmando. Nesse glossário, de autoria institucional, são descritos tecnicamente os seguintes termos, atinentes às ciências da saúde: assintomático; contágio; fibrose; imunidade de rebanho; imunização; imunização cruzada; infecção; período ou fase de incubação; período ou fase infecciosa; período ou fase pré-sintomática; sintomático e trombose. Em sua apresentação, os autores institucionais apresentam a seguinte justificativa para sua elaboração:

⁶ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=luEE9FbBBOs>. Acesso em : 09 jan. 2024.

⁷ Disponível em: <https://www.blogs.unicamp.br/covid-19/glossario/>. Acesso em: 10 fev. 2021.

⁸ Esse portal está disponível em: <https://www.blogs.unicamp.br/>. Acesso em: 10 fev. 2021.

Nesses tempos de pandemia, somos bombardeados o tempo todo com informações de várias fontes com diferentes níveis de aprofundamento, e muitas vezes nos deparamos com termos que não conhecíamos antes. Neste sentido, criamos uma seção específica só para falar destes termos que, agora com a COVID-19, lemos diariamente e embora nos acostumemos em nossa rotina, *nem sempre os compreendemos!* (Grifos nossos).

Nomear, compreender e, assim, dominar o desconhecido: uma resposta ao medo, como diria Dominique Maingueneau (2020). Resposta que pode ser o que identifica uma grande parte dos glossários até então elaborados no contexto brasileiro sobre a COVID-19, tais como o *Glossário terminológico da COVID-19*⁹, do Instituto Federal e da Universidade de Brasília, e o *Dicionário da COVID-19*¹⁰, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Trata-se de um conjunto de importantes iniciativas que se, por um lado, buscam engendrar certo controle sobre o medo, a angústia, a desesperança, por outro, corroboram a construção de saberes científicos sobre a Pandemia.

Diferentemente desses trabalhos, a *Enciclopédia Discursiva da COVID-19*, partindo de uma concepção de linguagem que não reduz os termos vinculados à realidade vivida e experimentada a uma simples nomenclatura, advoga que a linguagem não apenas retrata, mas, sobretudo, refrata a realidade por meio de diferentes posicionamentos ideológicos, fundados num imaginário social, desencadeando divergentes “gestos de interpretação” (ORLANDI, 1994). Ademais, em última instância, a *Enciclopédia* não é uma resposta ao medo da COVID-19 e não visa somente a devolver à população a confiança na ciência, mas uma tentativa de mostrar como a construção de sentidos durante a pandemia, considerada como um acontecimento histórico-sanitário, produziu uma verdadeira batalha discursiva, cujos atores sociais autorizados a dizê-la disputam-na fonema a fonema, tecla a tecla.

No que concerne a essa verdadeira guerra discursiva em que se transformou a pandemia, é possível descrever, em relação aos termos que circulam sobre a COVID-19 e que a constroem, dois grandes processos discursivos: a) um processo que “metaforiza” (ORLANDI, 2020) a pandemia enquanto guerra, tragédia, catástrofe e; b) outro processo que “narrativiza” a pandemia ora como conspiração chinesa, ora como castigo de Deus, ora como a concretização do ficcional Armageddon. É importante ressaltar, porém, que se trata de dois processos que não são excludentes, ao contrário: em várias situações de enunciação, ambos se misturam.

Cada termo/discurso que circula nesse contexto, no entanto, a partir da inscrição dos sujeitos que os enunciam numa determinada formação discursiva, produz sentidos diferentes. Um termo técnico como “hidroxicloroquina”, a depender do posicionamento do sujeito que o enuncia, terá sentidos totalmente diferentes. Para alguém que defende o ex-governo negacionista de Jair Bolsonaro, por exemplo, esse termo representa um remédio importante e profilático, cuja utilização deve ser prescrita por médicos na prevenção e no tratamento da COVID-19. Por outro lado, para alguém mais alinhado ao discurso científico, a hidroxicloroquina não deve ser administrada como remédio que previne ou trata a COVID-19, já que não existem evidências científicas que comprovem a sua eficácia. Dessa maneira, embora os enunciadores se refiram ao mesmo termo “hidroxicloroquina”, eles constroem discursos totalmente diferentes do ponto de vista ideológico. Nesse caso, há um claro embate de sentidos, narrativas e pontos de vista.

⁹ Disponível em <https://www.ifb.edu.br/brasil/23950-ifb-e-parceiros-lancam-o-glossario-terminologico-da-covid-19>. Acesso em: 09 jan. 2024.

¹⁰ Disponível em : <https://www.ufrgs.br/levi/dicionario-da-covid-19/#page-content>. Acesso em : 09 jan. 2024.

O nosso trabalho com a *Enciclopédia Discursiva da COVID-19* consistiu na busca por mostrar justamente esses embates de sentidos pela gestão do discurso da pandemia, isto é, as diferentes narrativas construídas em torno desse acontecimento, à luz de diferentes pontos de vista ideológicos, engendrados pelos mais diferentes sujeitos. No âmbito social mais amplo, os cidadãos reconhecem estes embates e são partícipes da realidade atual, portanto, a empreitada da *Enciclopédia* não está assentada na compreensão restrita de que as ciências linguísticas tem também “algo a dizer”¹¹ sobre a pandemia, mas se efetiva, especialmente, como vazão, participação e engajamento da comunidade acadêmica neste momento histórico.

3 O PROJETO DE EXTENSÃO I ESCOLA SOLIDÁRIA DE ALTOS ESTUDOS DO DISCURSO – I ESAED

Segundo dados de 2020 da Pró-reitoria de Assuntos Comunitários e Estudantis (PROACE), da UFSCar, mais de dois mil estudantes de graduação recebem algum tipo de apoio da Universidade, no âmbito da Assistência Estudantil. O que equivale a quase 14% do total de alunos. Em 2021, o Programa Nacional de Assistência Estudantil (PNAES) sofreu, em relação a investimento na UFSCar, um expressivo corte de recursos. Naquele ano, a UFSCar recebeu do PNAES R\$ 2,2 milhões a menos, quando comparado a 2019. Estes cortes já impactam a permanência estudantil, obrigando a universidade reduzir os valores das bolsas de assistência estudantil, destinadas a alimentação.

No sentido de minimizar tal situação, propomos a I Escola Solidária de Altos Estudos do Discurso - ESAED¹², oferecida no período de 02 de julho a 03 de setembro de 2021. Essa escola foi criada por iniciativa do Laboratório de Estudos Epistemológicos e de Discursividades Multimodais (LEEDiM), com apoio da Direção do Centro de Educação e Ciências Humanas (CECH); da Pró-reitoria de Pós-Graduação (PROPG); da Pró-reitoria de Assuntos Comunitários e Estudantis (PROACE); da Fundação de Apoio Institucional ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico (FAI); do Departamento de Letras (DL) e do Serviço de Tradução e Interpretação em Libras (SETILS), todos da UFSCar.

O curso foi organizado a partir de um duplo eixo: possibilitar uma espécie de cartografia das diferentes pesquisas realizadas nas distintas abordagens dos estudos do discurso praticados em contexto mundial e, verticalizar as discussões sobre temas prementes na atualidade, tais como os discursos mentirosos (de ódio e das Fake News), bem como propor ferramentas teórico-metodológicas para dar conta dos diferentes tipos de discurso, notadamente os que circulam no ambiente digital.

Foram 25 horas de aulas síncronas por metodologia remota, em 10 encontros semanais de 2 horas e meia cada, todas às sextas-feiras das 16:00 às 18:30 h e contou com a Tradução em Libras. Cada um dos encontros enfatizou pesquisas em uma das diferentes abordagens dos estudos do discurso, praticados em contexto mundial, que vai da Análise do Discurso Crítica, passando pela Semiótica francesa, chegando até a Análise de Discurso de base materialista e enunciativa.

A escola congregou pesquisadores e pesquisadoras brasileiros/as e do exterior, ligados/as a distintas universidades, tais como Sírio Possenti; Ana Cristina Carmelino; Cellina Muniz; Diana Luz Pessoa de Barros; Luiz Taitit; Carlos Noccioli; Fernanda Castelano

¹¹ Sobre essa questão conferir o que Marie-Anne Paveau propõe em seu texto “Un objet à tout prix. Peut-on faire science de tout?”. *La pensée du discours [carnet de recherche]*, de 04 jun. 2020. Disponível em: <https://penseedudiscours.hypotheses.org/18223>. Acesso em: 10 fev. 2021.

¹² Todos os dez vídeos estão disponíveis em: https://www.youtube.com/results?search_query=leedim+ufscar.

Rodrigues; Ida Lúcia Machado; Renata Carreon; Maria Laura Pardo; Afílio Butturi Junior; Lívia Maria Falconi Pires; Mariana Morales; Teun Van Dijk; Solange Maria de Barros; Alexandre Costa; Bethania Mariani; Silmara Dela da Silva; Paula Camila Mesti; Patrick Charaudeau; Débora Massmann; Sidnay Fernandes dos Santos; Beth Brait; Luciano Vidon; Lígia Mara Boin Menossi de Araújo; Dominique Maingueneau; Roberto Leiser Baronas; Marilena Inácio de Souza; Marie-Anne Paveau; Mónica Zoppi-Fontana e os/as alunos Lauro Damasceno; Emely Larissa e Tamires Cristina Bonani Conti.

O curso teve as suas 120 vagas preenchidas e arrecadou R\$ 14,850,00, que foram integralmente destinados ao Programa de Captação de Recursos para Investimento em Equidade – CRIE/UFSCar. A repercussão do Curso foi tão positiva que já estamos planejando para 2024 a II Escola Solidária de Altos Estudos do Discurso.

4 PALAVRAS SEMIFINAIS

Nesses últimos três anos, infelizmente temos convivido a fórceps com diferentes tipos de Pandemia: a da COVID19, a do negacionismo científico, a do *negocionismo* na compra de vacinas e sabe se lá do que mais, a dos discursos de ódio no digital e a completa falta de empatia dos que até bem pouco tempo mandavam neste país, que somente aqui no Brasil, como já enunciamos no início deste texto, já ceifaram mais de 700000 pessoas e que são *Inumeráveis* para me utilizar da feliz expressão do poeta Bráulio Bessa em seu poema dedicado às vítimas da Pandemia.

Além disso, como nos dizem Luciana Maria Almeida de Freitas e Maria Paula Meneses, na Apresentação do Dossiê intitulado *Discurso, epistemologias do Sul e pedagogias decoloniais*, publicada em outubro de 2021, no volume 26, número 56, da revista Gragoatá da Universidade Federal Fluminense:

Já tão desigual, o globo está ainda mais marcado pelo desequilíbrio, com um Norte Global, em geral, dando mostras de uma possível recuperação e um Sul Global, especialmente o Brasil, ainda enfrentando muitos problemas. Entretanto, não só a desigualdade geopolítica foi reforçada pela Covid-19. Por um lado, segundo uma famosa lista de bilionários organizada por um veículo da imprensa internacional, a pandemia enriqueceu mais ainda os representantes do grande capital. Somente na América Latina e no Caribe, houve um aumento de 40% no número de bilionários. Por outro lado, a crise da Covid-19 fez crescer significativamente a fome no mundo, conforme indica a FAO – Organização para a Alimentação e Agricultura (FAO; IFAD; UNICEF; WFP; WHO, 2020). A educação, em todos os seus níveis, modalidades e etapas, não poderia deixar de ser afetada – e muito – pela situação mundial, em seus aspectos sanitários, econômicos e sociais.

Nesse sentido, como nós pesquisadores/as da linguagem, podemos pensar em sair do subsolo sócio-epistêmico em que nos meteram nesses três últimos anos e começar a sonhar com a possibilidade de que todas as pessoas vejam o *sol amanhecer e a vida acontecer como num dia de domingo...*, tal qual nos dizia o saudoso Tim Maia?

Entendo que uma boa frente de trabalho seja o de voltar de-significar tudo o que nos surrupiaram nesses últimos anos, combatendo o parasita que *come a língua do peixe* e dos indivíduos de maneira em geral e se instala no seu lugar. Menciono aqui, a título de lapidar exemplo, a organização do livro de Amílcar Araújo Pereira, intitulada “Narrativas de (re)existência: antirracismo, história e educação”, publicado em 2021 pela editora da UNICAMP. Com efeito, na sua Apresentação nos diz Pereira:

Este livro traz algumas contribuições para o debate sobre a importância das narrativas de (re)existência na história e para a educação na atualidade, privilegiando especialmente a discussão sobre o antirracismo, por diferentes perspectivas. A ideia de organizar este livro

nasceu da realização de um evento que coordenei na Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), entre os dias 25 e 27 de setembro de 2019 – o XIII Encontro Regional Sudeste de História Oral, da Associação Brasileira de História Oral (ABHO), que teve como título “Narrativas de (re)existência: corpo-oralidades, antirracismo e educação. [...] Há neste livro uma evidente ênfase na utilização da metodologia da história oral em diversos trabalhos de pesquisa acadêmica. Como disse antes, a metodologia da história oral tem sido muito importante, ao longo das últimas décadas, para a construção das histórias das diversas lutas sociais no Brasil. Movimentos articulados em torno de dimensões sociais como raça, gênero e sexualidade, entre outras, têm sido estudados e mais bem conhecidos graças às narrativas de (re)existências produzidas em entrevistas que compõem projetos de pesquisa em áreas como a História, as Ciências Sociais e a Educação. [...] As memórias e as histórias de sujeitos políticos na luta por igualdade, como negros e negras, mulheres, LGBTQIA+, por exemplo, mostram-se potentes no sentido de contribuir tanto para a produção de conhecimentos sobre a sociedade, realizada nas universidades, como para a construção de uma educação democrática e antirracista, que trate com respeito e qualidade acadêmica as diversas dimensões sociais presentes nos currículos e nas escolas brasileiras. Diferentes corporalidades estão cada vez mais presentes nas universidades e em outros espaços de produção de conhecimentos, como as artes em geral e a música em especial, contribuindo para educar a sociedade brasileira para a igualdade e o respeito às diferenças”.

Para além do que pertinentemente nos disse Amilcar Pereira, o livro que ele organiza, com diferentes vozes sociais, busca de um ponto de vista discursivo, de-significar o conceito de *narrativa*, que nos últimos anos foi/está sendo insignificado pelos que ainda de alguma forma detêm o poder neste país, colocando-os como sinônimo de mentira, pós-verdade e outras bobagens.

Particularmente, tenho enveredado por um caminho de REXistência um pouco distinto ao de Amilcar Pereira e buscado, sem falsa modéstia, pois toda modéstia é falsa mesmo, como diz o bom e velho Millor Fernandes, investir na resignificação da prática discursiva da solidariedade, não somente reproduzindo voluntariamente o sentido de solidariedade que circula no imaginário social da grande maioria das pessoas. Por exemplo, não só levar nas noites frias de inverno, um prato de sopa para os/as moradores/as em situação de rua, ou não só apoiar iniciativas que oferecem possibilidade de trabalho para que os/as presos/as costurem bolas de futebol com o objetivo de diminuir as suas penas, que, aliás, frequentemente nós mesmos os catapultamos a essa condição, pois deixamos que a nossa devoção ao São Lattes e à nossa vaidade pessoal guie as nossas ações como pesquisadores/as.

É preciso resignificar esse imaginário do que é solidariedade, ampliando o seu escopo de sentido, possibilitando, que o preso, para ficar somente no último exemplo, tenha acesso não somente a cursos que os qualifiquem para costurar bolas, mas também, com toda a complexidade que isso implica, para fazer Engenharia, Direito, Letras, Filosofia ou o que eles desejarem.

O objetivo do nosso trabalho não é devolver o sentido primeiro de solidariedade como no caso do belo trabalho do Amilcar Pereira, no tocante à narrativa, mas, como diria sabiamente Michel Pêcheux no seu artigo, *Delimitações, inversões, deslocamentos*, publicado no Cadernos de Estudos Linguísticos 19, da Unicamp, cuja leitura também fortemente recomendo “[...] começar a se despedir do sentido que reproduz o discurso da dominação, de modo que o irrealizado advenha formando sentido no interior do sem-sentido [...]” (PÊCHEUX, 1990, p. 17). Depois das fases mais agudas da Pandemia é preciso praticar uma linguística menos preocupada somente com a descrição, explicação e interpretação dos usos linguísticos por parte dos sujeitos. Esse tipo de linguística logocentrada (PAVEAU, 2020) permanece muito nas margens da vida dos sujeitos. Entendo que os dois projetos acima descritos assim como uma série de outras iniciativas realizadas Brasil afora nos últimos três anos são bons exemplos de uma linguística da solidariedade.

REFERÊNCIAS

FOUCAULT, M. Qu'est-ce qu'un auteur? **Bulletin de la Société Française de Philosophie**, ano 63, n. 3, p. 73-95, 1969.

FOUCAULT, M. **A ordem do discurso**. Aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 02/12/1970. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

FREITAS, L. M. A.; MENESES, M. P. Discurso, epistemologias do Sul e pedagogias decoloniais. **Gragoatá**, v. 26, n. 56, p. 857-875, 2021.

MAINGUENEAU, D. Resposta ao medo. **Linguasagem**, v. 35, n. 1. p. 1-17, set. 2020.

MOIRAND, S. Olhares midiáticos sobre uma pandemia: 'instantes discursivos' de uma crise sanitária sob o prisma dos números, do risco e da confiança. Live realizada no dia 23 de setembro de 2020, apresentada no projeto de extensão "Discurso em Tempos de Pandemia – Fase II". Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=luEE9FbBBOs>. Acesso em: 09/01/2024.

PAVEAU, M-A. A linguística fora de si mesma: em busca de uma pós-linguística. In: **Linguística folk: uma introdução**. Organizado por Roberto Leiser Baronas, Tamires Cristina Bonani Conti e Julia Lourenço Costa. Araraquara: Letraria, 2020.

PÊCHEUX, M. Delimitações, inversões, deslocamentos. Tradução de José Horta Nunes. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, v. 19, p. 7-24, jul./dez. 1995.

PEREIRA, A. A. **Narrativas de (re)existência: antirracismo, história e educação**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2021.

YATES, F. A. **The Art of Memory**. Chicago: University of Chicago Press, 1966.

ZILBERBERG, C. **Elementos de Semiótica Tensiva**. Tradução de Ivã Carlos Lopes, Luiz Tatit e Waldir Bevidas. São Paulo: Ateliê Editorial, 2011.

Artigo recebido em: 09/01/2024

Artigo aprovado em: 10/01/2024

Artigo publicado em: 11/01/2024

COMO CITAR

BARONAS, R. L. Por uma linguística da solidariedade. **Diálogo das Letras**, Pau dos Ferros, v. 12, p. 1-9, e02333, 2023.